

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Kauane Scherer Lahr

Quando chega o outono

Histórias sobre o trabalho em um país que vive cada vez mais

Florianópolis

2022

Kauane Scherer Lahr

Quando chega o outono

Histórias sobre o trabalho em um país que vive cada vez mais

RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito para a obtenção do título de Bacharel
em Jornalismo.
Disciplina JOR 6802 — Trabalho de Conclusão de
Curso, professor Fernando Crocomo
Orientadora: Isabel Colucci.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lahr, Kauane Scherer

Quando chega o outono : Histórias sobre o trabalho em um
país que vive cada vez mais / Kauane Scherer Lahr ;
orientador, Isabel Lahr Coelho, 2022.

33 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Envelhecimento. 3. Trabalho. 4.
Jornalismo. 5. Idosos. I. Coelho, Isabel Lahr. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Jornalismo. III. Título.

Kauane Scherer Lahr

Quando chega o outono: Histórias sobre o trabalho em um país que vive cada vez mais

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo

Florianópolis, 14 de dezembro de 2022.

Prof. Valentina da Silva Nunes, Dra.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Isabel Colucci Coelho, Dra.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Samuel Pantoja Lima, Dr.
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Jéssica Gustafson Costa, Me.
Avaliadora
Jornalista

Sandra Werle
Avaliadora
Jornalista

Dedico este trabalho à minha querida e para sempre amada Vó Cema, que me olha lá de cima, e me acompanha nesse caminho antes mesmo do projeto ter nascido.

Para Cema, minha saudade constante, dedico também este poema:

*“ah, se eu pudesse ter guardado-te
límpida e clara nas minhas memórias.
assim como aqueles filmes de câmaras fotográficas
gostaria que fosse a minha mente.
bastasse um fecho de luz e o teu sorriso
e olhar estariam marcados
para o nosso curto sempre
numa emulsão de sais de prata.
ou mesmo numa pintura minimamente realista
o que quer que fosse se sairia melhor que eu
que as minhas falhas memórias.
e agora minha busca incessante
me consome aos poucos.
a cada expedição retorno frustrada
arrasto toneladas de memórias
seguro os pedaços e os atiro para longe
mas será possível que eu não tenha guardado nada?”*

(LAHR, Kauane)

AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos representam para mim muito mais do que esse projeto. Esse trabalho é resultado de mais de cinco anos no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. E para chegar até aqui, não fiz esse caminho sozinha. Seria impossível. Agradeço aos meus pais, avós, tios e primos, que sempre apoiaram minhas escolhas — os que me viram crescer e desabrochar em outra cidade. Agradeço aos meus queridos amigos que Florianópolis me presenteou e que foram luz em tantos momentos de escuridão. Agradeço particularmente à minha orientadora que por mais de um ano me acompanhou neste trabalho, com suas palavras gentis, carinhosas e de incentivo. E por fim, agradeço à UFSC e a educação pública, gratuita e de qualidade, em nome da qual devemos lutar bravamente, diante de tantos desmontes e retrocessos.

“Eles também pensaram que a velhice era destino de terceiros. Jamais suspeitaram que estariam nessa situação. [...] Atropelados pelo bonde da modernidade em que a juventude é um valor em si, foram deixados na porta porque outros decidiram que o tempo deles acabou.”

(BRUM, 2010)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso é uma grande reportagem em texto que busca, por meio de histórias de pessoas com mais de 50 anos, nas mais diversas situações de ocupação, classe, raça e gênero, abordar questões-chave relacionadas ao envelhecimento e ao mercado de trabalho no Brasil. A pauta considera a acelerada transição demográfica do Brasil, descompassada com o desenvolvimento de políticas públicas e organização social adequadas para absorver as demandas de uma população que vive cada vez mais. A reportagem se divide em cinco retrancas, ou mini-perfis, que tratam do desemprego após os 45 anos; das diferenças entre o envelhecimento do trabalhador formal e informal; das políticas para inclusão de pessoas mais velhas no mercado; da saúde financeira das pessoas aposentadas e/ou acima dos 50 anos; e, também, da questão da aposentadoria e da previdência social em seus atuais moldes. A metodologia utilizada foi a entrevista em profundidade, ancorada na história oral. O objetivo com a realização do trabalho é trazer para discussão um tema que fica às margens da agenda política e da agenda midiática, e propor reflexões a respeito.

Palavras-chave: Envelhecimento. Trabalho. Idosos. Grande reportagem. Jornalismo.

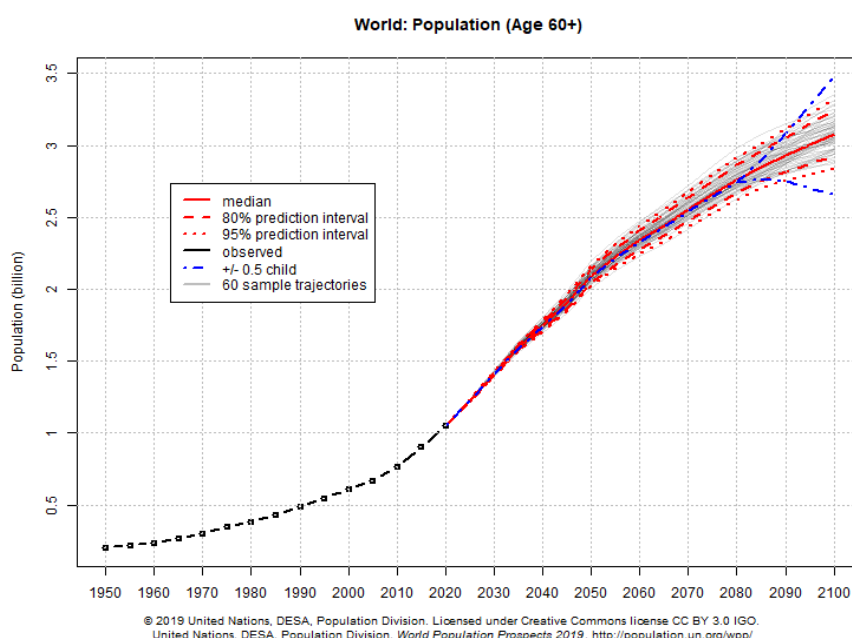
SUMÁRIO

SUMÁRIO	16
1 APRESENTAÇÃO DO TEMA	10
1.1 EMPREGO E RENDA	12
1.2 GERONTOFOBIA	13
1.3 ESTADO E POLÍTICAS PÚBLICAS	14
2 JUSTIFICATIVA	15
2.1 DA ESCOLHA DO TEMA	15
2.2 DA RELEVÂNCIA E DO INTERESSE PÚBLICO	16
2.3 DO FORMATO	18
3 OBJETIVOS	19
3.1 OBJETIVOS GERAIS	19
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
4 DESENVOLVIMENTO DA REPORTAGEM	20
4.1 PAUTA E ABORDAGEM	20
4.2 APURAÇÃO	22
4.2.1 Fontes	22
4.2.1.1 Fontes-sujeito	23
4.2.1.2 Fontes especialistas e institucionais	25
4.2.1.3 Fontes documentais	25
4.3 PRODUÇÃO	25
4.3.1 Formato e elementos narrativos	26
4.4 ORÇAMENTO	27
5 DIFICULDADES E APRENDIZADOS	27
REFERÊNCIAS	29

1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

A população mundial vem envelhecendo progressivamente desde meados do último século. De acordo com as projeções do Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais, em 2100, a população com mais de 60 anos deve passar de 3 bilhões (Figura 1). Em 1950, esse número girava em torno de 205 milhões. Para Santos e Silva (2013), esse processo de transição demográfica se caracteriza pelo aumento da longevidade da população. Esta, por sua vez, está relacionada aos inúmeros avanços na ciência e na saúde.

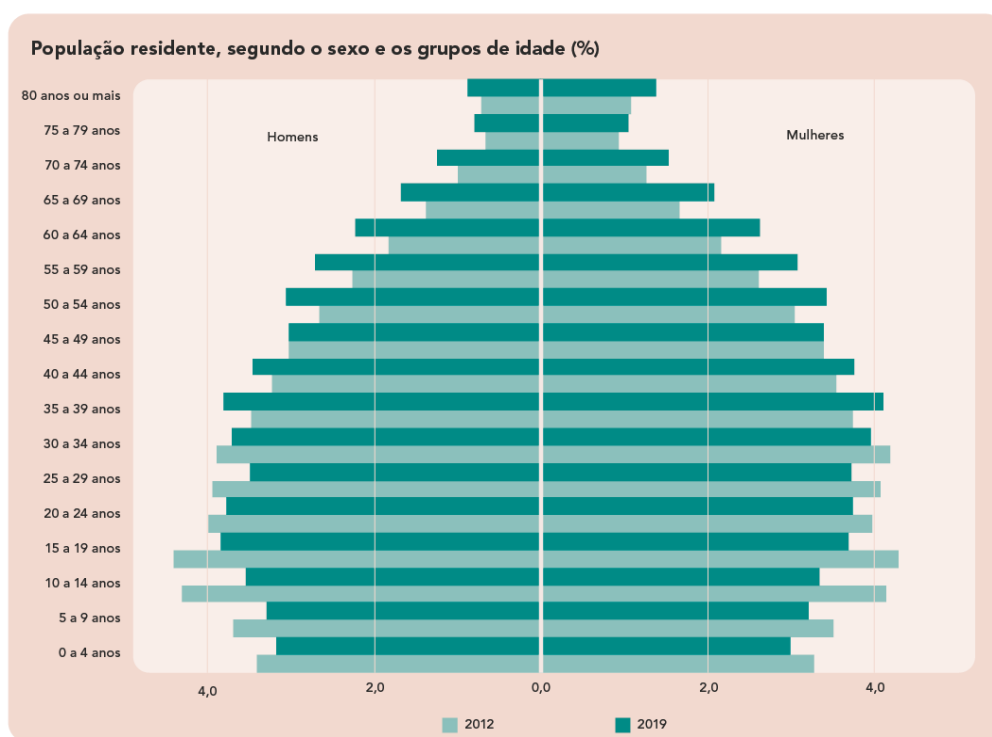
Figura 1 — Gráfico de estimativas e projeções probabilísticas da população mundial com mais de 60 anos



Fonte: Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas (DESA/UN).

Em países desenvolvidos, a transição demográfica se deu associada às mudanças na qualidade de vida. Já em países em desenvolvimento como o Brasil (ver Figura 2), essa “retangularização” da pirâmide etária ocorreu de maneira acelerada, “carente de uma organização social e de saúde adequadas, suficientes para atender às novas demandas emergentes” (SANTOS e SILVA, 2013, p. 360). “Os países desenvolvidos primeiro enriqueceram e depois envelheceram. Países como o Brasil estão envelhecendo antes de serem ricos” (KALACHE, 2007, p. 2504, apud CINAT, 2012, p. 02). O envelhecimento se apresenta então como um desafio a ser enfrentado coletivamente.

Figura 2 — População residente do Brasil, segundo sexo e faixa etária em 2012 e 2019



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2019.

Um dos principais entraves para a evolução das discussões em torno do tema é a limitação da velhice a uma única faixa etária. Considerando que um sujeito viva até os 100 anos, ele permanecerá durante 40 na mesma classificação etária. Mas as necessidades de uma pessoa de 65 anos são muito distintas das necessidades de uma pessoa de 90 anos. Por haver essa generalização da velhice, há uma igual generalização das propostas e soluções para as

carências dos idosos. Levando em consideração esse olhar reducionista, é equivocado abordar o processo de envelhecimento em uma “universalidade abstrata, desconsiderando-se as condições materiais de existência na sociedade do capital; [...] para os trabalhadores envelhecidos essa etapa da vida evidencia a reprodução e a ampliação das desigualdades sociais” (TEIXEIRA, 2008, p. 41, apud CINAT, 2012, p. 03).

1.1 EMPREGO E RENDA

O envelhecimento começa a ser percebido como problema social à medida que as condições materiais de vida para a sobrevivência de um grupo populacional não se mostram suficientes (CINAT, 2012). Uma pesquisa inédita, intitulada “Como os brasileiros encaram o envelhecimento”, realizada pelo Instituto QualiBest a pedido da Pfizer, mostrou que 52% dos entrevistados relataram ter receio de envelhecer por preocupações financeiras.

As atitudes em relação aos idosos e a idade para considerá-los velhos no trabalho variam em diferentes organizações, profissões e contextos históricos. Na atualidade, a maioria das pessoas acredita que a velhice começa aos 60 ou 65 anos, por serem essas idades-limites para a aposentadoria. [...] com base no argumento de que o envelhecimento acarreta decadência intelectual e física, [...] no âmbito do trabalho, de modo geral o que se observa é que os adultos têm cada vez menos oportunidades de emprego (NERI, 2001, p. 67/68, apud CINAT, 2012, p. 04).

À medida que a longevidade aumenta, formulam-se políticas para aumentar também a idade mínima para um sujeito se aposentar. Vimos isso acontecer recentemente no Brasil, com a reforma da Previdência, aprovada em 2019. Não entrando nos pormenores de prós e contras da Nova Previdência, se a idade mínima para se aposentar é de 62 anos para mulheres e 65 anos no caso dos homens, entende-se que essas pessoas precisam continuar trabalhando ou tendo alguma fonte de renda até atingir esta idade.

As pessoas desempregadas por longos períodos normalmente enfrentam uma tensão financeira significativa — e são mais propensas a experimentar problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão, com cada rejeição de emprego sendo sentida em um nível profundamente pessoal. (GENERATION, 2021, p. 06, tradução nossa).

Mas, a partir dos 45 anos de idade, a recolocação no mercado de trabalho se torna muito mais desafiadora. O relatório da pesquisa Meeting The World’s Midcareer Moment destaca que as pessoas em meio de carreira (com mais de 45 anos) enxergam a idade como uma barreira para conseguir um emprego. A pesquisa também confirma que os gerentes de contratação têm uma percepção negativa em relação aos candidatos com mais de 45 anos. Os

gerentes mencionam como principais preocupações a relutância em experimentar novas tecnologias, a incapacidade de aprender novas habilidades e a dificuldade de trabalhar com colegas de trabalho de uma geração diferente. Essas percepções compartilhadas sobre trabalhadores mais velhos acabam por reforçar a gerontofobia.

1.2 GERONTOFOBIA

Pinto (2008) explica a gerontofobia como o medo desproporcional, repulsivo e persistente do processo de envelhecimento — o qual pode estar implicado ao sujeito a respeito de seu próprio processo de envelhecimento ou de terceiros (PINTO, 2008, apud MEIRELLES, 2022). A pesquisa “Como os brasileiros encaram o envelhecimento” indicou que 90% dos entrevistados têm medo de envelhecer.

Durante a pandemia de Covid-19, colocou-se um holofote sobre a gerontofobia — ou velhofobia. Autoridades, empresários, políticos e outras figuras públicas fizeram declarações abertamente velhofóbicas, como se aquelas vidas valessem menos.

A disposição de um grande número de pessoas, incluindo diversos chefes de Estado, de sacrificar uma parte de sua população — *aquela que não contribui mais ativamente para o crescimento econômico e que onera o sistema previdenciário* — revela a face genocida do capitalismo. (TORRE, 2021, p. 196, grifo da autora).

Tal como nos discursos de nossos governantes, falas e ideias velhofóbicas se replicam na base da sociedade. Partindo aqui de uma análise empírica, ouvi por diversas vezes em conversas cotidianas e reuniões familiares, que “têm velho demais no Brasil” e que “os idosos já viveram demais, tem que deixar [a prioridade na fila de vacinação] para quem trabalha, para quem estuda, para quem está começando a vida”. E a retórica utilizada nessas discussões de almoço de domingo também seguia o lugar-comum de privilegiar a população economicamente ativa (neste contexto, no caso, pessoas até 60 anos de idade), ignorando as múltiplas facetas do envelhecimento em um país de proporções continentais e com tamanha desigualdade social. No ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o Brasil ocupa a 79ª posição. O Brasil também está entre os dez países com maior concentração de renda do mundo¹.

Assim sendo, o envelhecimento não se constitui um problema social pelas restrições físicas, fisiológicas ou biológicas do organismo, pelo crescimento demográfico da população idosa, pela restrição de papéis sociais, familiares, trabalhistas. É a classe

¹ [IDH: Brasil é o país mais desigual do mundo? Veja ranking da ONU \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/diario/2019/07/15/15072019-01-idh-brasil-e-o-pais-mais-desigual-do-mundo-veja-ranking-da-onu/)

trabalhadora a protagonista da tragédia no envelhecimento, considerando-se a impossibilidade de reprodução social e de uma vida cheia de sentido e valor, na ordem do capital, principalmente, quando perde o “valor de uso” para o capital, em função da expropriação dos meios de produção e do tempo de vida. Portanto, não é para todas as classes que o envelhecimento promove efeitos imediatos de isolamento, de exclusão das relações sociais, do espaço público, do mundo produtivo, político, artístico, dentre outras expressões fenomênicas dos processos produtores de desigualdades sociais. (TEIXEIRA, 2009, p. 64).

1.3 ESTADO E POLÍTICAS PÚBLICAS

É nesse estágio que o Estado se torna ainda mais importante para resguardar os direitos mínimos de sobrevivência a esses trabalhadores que envelheceram e foram descartados pelo mercado. Muitas vezes a responsabilidade por essa proteção social é desvinculada do Estado, por atribuir o cuidado às próprias famílias, como se fosse uma dívida moral para com as pessoas mais velhas (CINAT, 2012).

Não podemos ignorar os avanços que tivemos nas últimas décadas acerca da temática, como a Política Nacional do Idoso (1994); A Política Nacional de Saúde do Idoso (1999); o Estatuto do Idoso (2003); A Política Nacional de Assistência Social (2004); A Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (2006). Mas ainda são insuficientes, principalmente se considerarmos as recentes transformações sociais que vêm acontecendo em ritmo cada vez mais acelerado. E quando essas políticas colocam todos — a pessoa idosa, a família, a sociedade e o Estado — como responsáveis pela discussão, os papéis começam a ser distorcidos. Essa distorção leva a uma abordagem do problema como uma questão individual e não social (SANTOS e SILVA, 2013).

Nesse sentido é importante refletir sobre as estruturas de suporte social, sobre a atenção primária e as demais atribuições do Estado no que diz respeito ao processo multidimensional que é o envelhecimento.

Considerando a nova pirâmide etária e o perfil do trabalhador brasileiro, este trabalho em formato de grande reportagem em texto tem o objetivo de trazer para a discussão, a partir da perspectiva das pessoas que estão sentindo o *outono da vida* chegar, questões relacionadas a emprego, renda, aposentadoria e ao processo de envelhecimento.

2 JUSTIFICATIVA

Nos parágrafos seguintes justificarei a escolha do tema e destacarei a importância de reconhecer a grandeza dos *desacontecimentos*, parafraseando Eliane Brum. Assim como descrito pela jornalista em *A Vida que Ninguém Vê* (2006), quero ser como Venise que tinha “o dom de dar importância ao desimportante, de dar significado ao insignificante”. Ainda que eu pense que a importância e o significado são relativos, pois reconheço que muitas populações são tratadas como insignificantes ou dispensáveis.

2.1 DA ESCOLHA DO TEMA

Enquanto fazia a cobertura de um evento alusivo ao Dia do Idoso, ouvia, atenta, a palestra de um Promotor de Justiça do Maranhão sobre os direitos da pessoa idosa. Após a apresentação de dados sobre a atuação de órgãos públicos em relação aos direitos dessa população, o expositor fez as seguintes colocações: “Existem múltiplas vulnerabilidades na velhice. Envelhecer em uma cidade pequena, de interior, é diferente de envelhecer em uma cidade grande. Envelhecer pobre é diferente de envelhecer rico. Envelhecer com sua família é diferente de envelhecer em um lar de longa permanência. Assim como envelhecer em uma aldeia indígena é diferente...”. Costumamos *colocar tudo no mesmo saco*, como se as pessoas acima dos 60 anos de idade fossem todas iguais, todas uma coisa só. E não são. As palavras do Promotor me levaram para um lugar novo de reflexão, apesar de ser um assunto a mim tão próximo e caro.

Penso sobre a velhice desde que me entendo por gente — enquanto minha mãe trabalhava como empregada doméstica no centro da cidade, meus avós tomavam conta de mim. Sempre me questionava até quando eles iriam viver. Imaginava, no mínimo, que eu estivesse no alto dos meus trinta anos quando um dos dois fosse embora. Mas como a vida escapa de nossas mãos, incontrolável, aos 16 anos² vi minha avó partir, após horas lutando por sua vida no hospital. Desde então, vejo em outros rostos envelhecidos pelo tempo, o rosto de Iracema (que para mim sempre foi *Vó Cema*). Sinto que é quase que um dever meu falar sobre as velhices. Buscar compreender os incompreendidos — pois era assim que ela se sentia.

² Poucos anos antes, quando conversávamos sobre eu fazer faculdade fora da cidade, ela me disse “então, você espera a vó morrer pra ir pra Floripa”. Essas palavras ecoam em minha mente até hoje e, quando chegam, não há o que sustente as lágrimas.

Então, afora as questões sociais que fundamentam este trabalho e que logo adiante serão tratadas, era preciso destacar os motivos que particularmente me tocam enquanto sujeita com história, experiências e sentimentos.

Quando iniciei a disciplina de Planejamento de TCC pela primeira vez (até que cancelei por não conseguir prosseguir com o projeto), eu tinha apenas uma vaga ideia de tema para o trabalho. Até que assisti à palestra mencionada anteriormente e tive esse estalo. Algo que era tão significativo para mim e um tema tão relevante socialmente precisava ser trazido à discussão. Me emocionei com a temática e foi justamente por me sentir tocada que decidi seguir por esse caminho — com o objetivo de tocar também outras pessoas. Mas foi somente no semestre 2021.2 que consegui chegar a um recorte que contemplasse as problemáticas que em minha visão carecem de maior atenção do jornalismo: os processos enfrentados por pessoas que estão se aproximando dos 60 anos e os que já passaram deles, seja subjetivamente, em reflexões e experiências de autopercepção; seja socialmente, encarando os preconceitos paralisantes impostos a esta faixa etária, como a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho.

2.2 DA RELEVÂNCIA E DO INTERESSE PÚBLICO

Cheguei a este recorte após pesquisar sobre o tema e tentar encontrar uma abordagem que ainda não havia sido utilizada, já que temas como gerontofobia, violência contra idosos, a vida nos lares de longa permanência e a saúde mental de idosos durante a pandemia são amplamente tratados. No início, a ideia era focar nas histórias de pessoas com mais de 60 anos, mas, durante a etapa de pesquisa, reconheci que a gerontofobia começava afetar as pessoas muito antes da chamada “terceira idade”. A pesquisa *Meeting The World's Midcareer Moment* (Conhecendo o mundo do momento de meio de carreira, em tradução livre), encomendada pela organização sem fins lucrativos *Generation*, aponta que trabalhadores com mais de 45 anos representam a maioria dos desempregados de longa duração em muitos países e enfrentam barreiras crescentes para encontrar bons empregos.

E olhando ao meu redor, reconhecendo que havia exemplos dessas vivências na minha família e comunidade — e que se evidenciaram durante a pandemia — percebi uma lacuna. Uma tia minha, no alto de seus 58 anos, foi demitida pela família com quem trabalhava há anos, depois de se contaminar pelo novo coronavírus. Outra tia (53), ao mudar

de cidade para estar mais perto das filhas e netos, ficou desempregada. Até conseguir um emprego como auxiliar de serviços gerais, gastou todas as economias e o seguro desemprego. Nessa idade, ela já tem inúmeros problemas de saúde, que inclusive podem impedir sua contratação, como problemas na coluna e articulações. Há alguns meses, sofreu um acidente de trabalho e foi afastada, recebendo auxílio-doença do INSS por curto período. Foi interrompido porque a empresa alegou que não havia sido acidente de trabalho. Hoje ela está lesionada, desempregada e sem receber nenhum tipo de auxílio — e ainda não tem idade para se aposentar. Vi minha avó trabalhar fora até depois dos 60 anos. Vejo minha vizinha, idosa, trabalhar como faxineira e babá para ajudar no sustento do lar que divide com duas filhas e uma neta. Os exemplos são inesgotáveis, não faltam pessoas para dar vida e voz a este trabalho que está pouco a pouco sendo construído.

Entendendo que o envelhecimento populacional é uma questão que afeta a todos de maneira global, reforça-se o interesse público em torno do tema abordado na reportagem. Além de se tratar de um processo natural inerente a todos os seres humanos — ao menos àqueles que podem viver para sentir o tempo passar —, o envelhecimento também aciona questões relacionadas ao Direito e à Justiça, à política, à economia, que podem, muitas vezes, provocar grandes mudanças sociais.

É importante destacar também aqui o foco central do trabalho: as histórias e vivências dessas pessoas que estão envelhecendo. Temos acesso a inúmeros dados e estatísticas, como pirâmide etária, renda per capita, Produto Interno Bruto, déficit da previdência social etc, que podem nos fornecer informações, fotografias dessa realidade, num âmbito universal. Mas é somente o relato dessas pessoas, suas experiências particulares que puderam dar vida ao trabalho. Espero que esta reportagem possibilite o conhecimento dessa realidade a partir de um olhar humano; não por meio da análise de estatísticas vazias, números frios guardados por máquinas e deslocados dos problemas reais.

Os detentos em cadeias superlotadas, a população em situação de rua, os pobres e miseráveis sem acesso às mínimas condições sanitárias, assim como os idosos, são considerados dispensáveis. Só a vida economicamente útil pode ter esperança. [...] A indiferença implicada na defesa de chefes de Estado em relação àqueles que perderão suas vidas — não apenas devido a uma tragédia “natural”, como a disseminação do vírus, mas devido a decisões políticas — e a recusa de parte da sociedade de se responsabilizar pelo todo fazem renascer um tema clássico, tanto na literatura quanto na teoria social. (DELLA TORRE, 2021, p. 196).

É pensando nessa população que está às margens do direito e das políticas públicas que se justifica uma grande reportagem em texto, com foco na história oral. De acordo com Santos (2009),

A história oral possui procedimentos metodológicos para a construção do conhecimento de seu objeto - a memória e a identidade -, os quais ao se tornarem documentos históricos revelam também diversas vozes, pois captam a história em movimento. Esse movimento presente na memória dos “colaboradores” ajuda a identificar o processo histórico em plena construção: sua dinâmica com o presente (MEIHY, 2007, apud SANTOS, 2009, p. 26).

Como uma tentativa de registrar essa memória e as identidades de um Brasil longo, o trabalho de conclusão de curso (TCC) utilizou essa abordagem para ouvir as pessoas diretamente afetadas pelos preconceitos de ordem cultural relacionados ao envelhecimento, principalmente no mercado de trabalho, e pela marginalização das políticas públicas direcionadas às pessoas idosas, que só reforçam a gerontofobia.

2.3 DO FORMATO

Uma vez que o formato escolhido foi a grande reportagem em texto, é importante recuperar o que alguns autores que me acompanharam durante a graduação dizem sobre o tema. Marli dos Santos destaca que, na grande reportagem, o jornalista consegue ter liberdades que o jornalismo diário não permite. A autora ressalta que as histórias de vida são um dos aspectos mais atrativos desse gênero jornalístico. “Personagens do cotidiano que se tornam épicos pelo sofrimento, pela grandeza, pela alegria. Nesse momento o jornalismo se encontra com a história oral.” (SANTOS, 2009, p.21).

Entendendo que a história oral busca construir a memória, faz-se fundamental resgatar a noção dos jornalistas como “senhores da memória” (BARBOSA, 2004).

Apropriação seletiva do passado, apoiada num feixe de subjetividades, do qual o tempo faz parte, a memória coloca em destaque, em seu caráter plural, também a noção de agentes de memórias, de pluralidade de funções e de significações. A memória é uma construção e não um dado. (BARBOSA, 2004, p. 05)

Sobre o processo de produção do texto da grande reportagem, Marli dos Santos descreve, no trecho a seguir, as etapas que menciona no item 4.3:

A transcrição, a textualização e a transcrição constituem os procedimentos metodológicos para que o relato oral se transforme em documento histórico. Na primeira, há a escrita literal rigorosa, com registros gráficos do que se percebe além da fala do entrevistado; depois, a textualização requer a incorporação das questões formuladas pelo pesquisador à fala do entrevistado, como também uma espécie de “edição”, na qual se evitam os vícios da linguagem oral e se eliminam informações incompletas, além de se identificar por meio de sinais numéricos os assuntos abordados. Na última fase, a transcrição, uma espécie de “edição final”, na qual os tópicos são ordenados, trechos serão suprimidos, alterados ou acrescentados, para que o conteúdo transmita “algo implícito na entrevista, mas não explícito nas palavras” (MEIHY, 2009, apud SANTOS, 2009, p.29).

Além dos referenciais do ponto de vista epistemológico, como já citados por aqui, suportes teóricos no sentido metodológico também guiaram a produção do trabalho, como os livros *A Reportagem: Teoria e Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística*, de Nilson Lage, e *O Texto da Reportagem Impressa*, de Oswaldo Coimbra. De modo geral, a escolha pelo método da entrevista em profundidade ou “entrevista de compreensão” (LIMA, 2004, apud SANTOS, 2009), tem o objetivo de deixar que as vozes marginalizadas falem; que o protagonismo seja das lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas no discorrer da história.

3 OBJETIVOS

Nas seções abaixo, descrevo o objetivo geral e os objetivos específicos deste TCC.

3.1 OBJETIVOS GERAIS

O objetivo geral desta reportagem é buscar compreender os conflitos subjetivos e sociais implicados pelo envelhecimento e pela falta de oportunidades de trabalho e de políticas públicas para a pessoa idosa no Brasil. Considerando também os atravessamentos que chegam com a velhice, processo biopsicossocial metaforicamente chamado aqui de “outono da vida”. A partir da reportagem, promover a discussão social e a mobilização do poder público em face das carências sociais provocadas pelo envelhecimento populacional e pela gerontofobia.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Traçar um panorama, por meio de entrevistas em profundidade, os sentimentos, comportamentos e discursos direcionados ao envelhecimento e à população idosa;
- Discutir em entrevistas e trazer para o texto da reportagem as condições de trabalho e a situação econômica da população brasileira;
- Analisar e relatar como o mercado de trabalho se apresenta para pessoas acima dos 45 anos, a partir de pesquisas sobre o assunto e das experiências relatadas pelas pessoas entrevistadas na reportagem;
- Compreender e descrever a relação estabelecida entre a gerontofobia e o acesso de pessoas idosas a direitos fundamentais.
- Demonstrar diferentes formas de apresentação deste fenômeno, a partir de entrevistas realizadas com pessoas de realidades sociais distintas.

4 DESENVOLVIMENTO DA REPORTAGEM

Neste tópico abordarei questões relacionadas à elaboração da pauta, apuração, produção e edição da reportagem.

4.1 PAUTA E ABORDAGEM

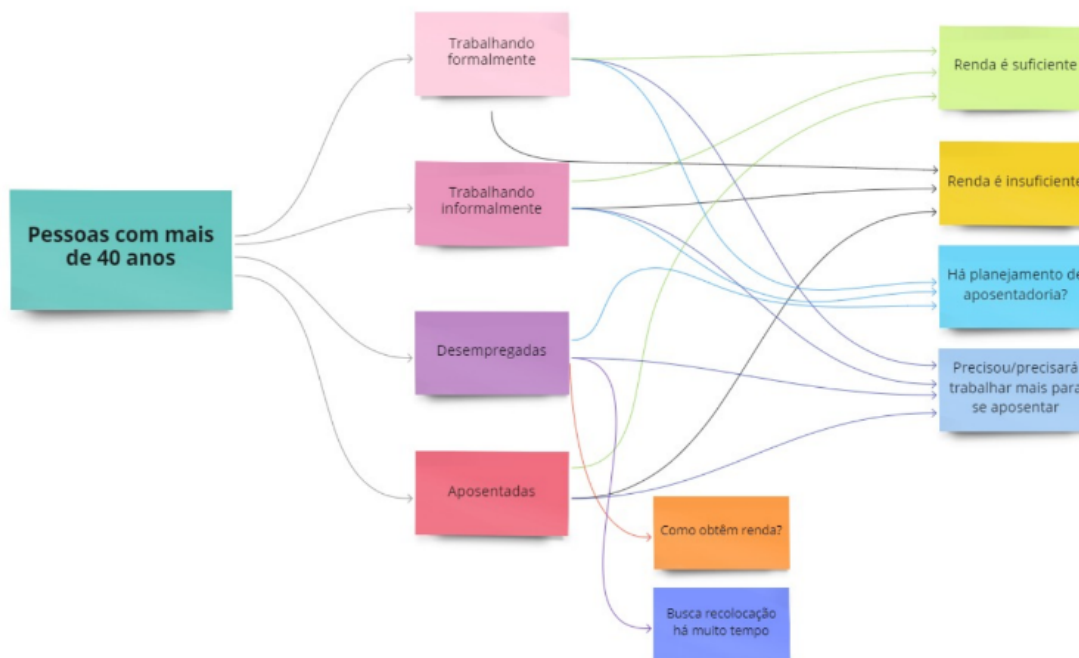
Como no meu projeto de TCC eu havia direcionado o título do trabalho a como envelhecem os “trabalhadores brasileiros”, acabei ficando presa a querer representar uma diversidade de perfis, em diferentes estados do território nacional. Quando mencionei essa possibilidade, minha orientadora, professora Isabel Colucci, me alertou de que esse método de escolha de fontes poderia ser muito caricato, e que mesmo que eu tentasse, não seria um perfil dos trabalhadores brasileiros; nosso país é grande, diverso e plural demais para caber nas linhas de um texto. Fomos então pelo caminho mais certo, honesto e condizente com a pauta.

Para me guiar na construção mais elaborada da pauta e da angulação da reportagem, bem como na pesquisa de possíveis fontes para a construção da reportagem, a professora Isabel sugeriu que eu fizesse um mapeamento de questões-chave que guiavam o problema do

envelhecimento da força de trabalho brasileira. A partir das possibilidades de ocupação em que essas pessoas poderiam se encontrar (ver figura 3), surgiram quatro pautas ou questões: a) Até quando trabalhar para se aposentar?; b) Informalidade vs. formalidade; c) Desemprego de longa duração após os 45 anos; d) Quais são as políticas de RH para pessoas acima de 40 anos?. Conforme minha pesquisa foi avançando, percebi que seria ambicioso demais querer abordar todas essas questões em uma única reportagem, visto que são temas bastante complexos. Contudo, o exercício foi extremamente importante para que avançasse nas entrevistas e enxergasse as problemáticas com mais clareza.

A partir do momento que entendi que não conseguiria trabalhar com todas as questões-chave de maneira aprofundada, decidi retornar ao que sempre desejei que fosse o foco do trabalho: as histórias desses trabalhadores maduros. E foi nesse caminho que a vida me surpreendeu de diferentes maneiras, com experiências e trocas que apenas o jornalismo seria capaz de proporcionar.

Figura 3 — Fluxo de perfis de ocupação possíveis para pessoas acima dos 40 anos



Para o desenvolvimento da reportagem, conversei com as fontes-sujeito — as protagonistas desses retratos; e com as fontes especialistas e institucionais, que me permitiram

colocar um óculos de contexto e conjuntura sobre o problema. Por meio dessas interlocuções perguntei (e tentei responder) questões como: por que as políticas públicas voltadas às pessoas idosas não são prioridade? Como o Estado tem se organizado tendo em vista o envelhecimento populacional? Como as pessoas acima dos 45 anos que estão desempregadas e ainda não se aposentaram sobrevivem? Em que condições vivem pessoas aposentadas com mais de 60 anos? Como essas pessoas têm enfrentado o processo de envelhecimento ou maturidade? Quais têm sido os movimentos do mercado para esse processo de transição demográfica? Como a idade pode ser uma barreira no acesso a direitos fundamentais?

4.2 APURAÇÃO

A produção da reportagem passou por diversas etapas. A primeira delas foi o aprofundamento da pesquisa teórica e bibliográfica sobre o assunto e mapeamento de fontes protagonistas; pessoas que nossos caminhos tenham se cruzado e que me tocaram com sua história, sem que eu conhecesse sequer 1% dela. Desde o princípio, a ideia era buscar fontes que representassem as multiplicidades da velhice, trazendo riqueza para a narrativa. Por isso, procurei pessoas de diferentes idades — acima dos 45 anos; pessoas em diferentes posições sociais; pessoas de diferentes etnias e raças; pessoas empregadas, desempregadas e aposentadas; e assim por diante. Com as fontes mapeadas, se iniciaram os primeiros contatos e agendamento de entrevistas.

Ao longo de todo o processo de apuração, bem como de produção da reportagem, precisei fazer escolhas. Com quem eu falaria? Por que eu escolheria falar com essa pessoa e não aquela? Fazer essa pergunta desse jeito ou de outro? Trazer essas aspas ou não? Cada pequena escolha me trouxe ao resultado que entreguei. E qualquer outra escolha poderia me levar a um caminho completamente diferente. O processo de apuração “na rua” durou cerca de quatro meses. Foram realizadas, ao todo, onze entrevistas, com oito pessoas diferentes.

4.2.1 Fontes

A segunda etapa envolveu o processo de apuração por meio das entrevistas em profundidade com os sujeitos da reportagem. As entrevistas realizadas presencialmente foram registradas por gravador de som do aparelho celular; as realizadas por meio de

videoconferência foram registradas pelo sistema de gravação OBS Studio. O objetivo do método de entrevista escolhido no caso dessas fontes é captar “a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida” (LAGE, 2001, p. 33). As entrevistas com as fontes institucionais e especialistas foram temáticas e mais objetivas, ou seja, entrevistas que contribuem para a compreensão do tema, visto que as fontes têm autoridade para discorrer sobre o assunto.

4.2.1.1 Fontes-sujeito

Roberto Lima: 63 anos, aposentado, sem outra ocupação. Roberto é pai de Yeda Teixeira, uma colega do curso de Jornalismo da UFSC. Quando conversamos sobre meu projeto de TCC, ela comentou que Roberto havia passado por um processo bastante difícil de aposentadoria. Conversamos por bastante tempo via chamada de vídeo pelo WhatsApp. A entrevista foi bastante reflexiva, ele ficou bem à vontade para contar sobre suas trajetórias profissionais. Interferi poucas vezes com perguntas diretas. Tive poucos elementos para observar, e posteriormente inserir como elemento narrativo, nessa entrevista, já que foi realizada remotamente, porque Roberto mora no estado de São Paulo.

Geni Benta dos Santos: 61 anos, aposentada pelo INSS, trabalha em emprego formal. Geni é o retrato de tantas e tantas mulheres chefes de família, aposentadas, e que ainda trabalham, porque um salário mínimo está longe de garantir as necessidades básicas de uma pessoa, imagine uma família. Sua história sempre me chamou a atenção, sempre que possível conversávamos pelos corredores do departamento de Jornalismo. A primeira vez que conversamos mais objetivamente sobre meu trabalho, ela relatou que continuava trabalhando, porque a aposentadoria era insuficiente, que a filha estava desempregada, mesmo formada em psicologia. Como sua rotina é muito corrida, logo ao meio-dia sai da UFSC, foi bastante difícil conseguir encaixar uma conversa com ela. Um dia combinamos de almoçar juntas na copa. Foi uma conversa bastante livre, só mencionei a questão do processo de aposentadoria e fiz perguntas pontuais, mas ouvi a história que ela quis contar, que

era o que, naquele momento, talvez estivesse mais vivo em sua memória e sentimentos.

Diva Giovanaz: 66 anos, aposentada pelo INSS, trabalha em emprego formal. Encontrar Diva foi uma coincidência bastante curiosa. Um dia saí para correr na beira do mar de Cacupé. Enquanto estava sentada, ouvindo músicas no meu fone de ouvido e observando o mar, uma mulher se aproximou, pedindo que eu fizesse uma foto sua. Logo começamos a conversar sobre nossas vidas e entramos no assunto TCC. Ela me contou sobre várias histórias que costuma ouvir no banco. Pensei inicialmente a ter seu contato como ponte para outras fontes, ou para conversarmos mais sobre o processo de envelhecimento em si. Na nossa segunda conversa, e entrevista oficial, Diva me contou que estava fazendo terapia para conseguir parar de trabalhar. Fizemos a entrevista em um café, ela contou sobre sua trajetória profissional e pessoal. Foi bastante reflexiva. Interessante ver a pessoa olhando para si novamente para contar para terceiros.

Volmir Teodoro e Silvane Teodoro: Volmir tem 54 anos e Silvane tem 52. Conheci o casal por acaso, em um dia que saí de casa para fazer um exercício de observação no INSS e no SINE em Florianópolis. Estava um pouco desanimada, e vi que não me sentiria confortável em ficar no meio da rua, cheia de pessoas, para fazer o exercício. Fui então para o SINE, que fica dentro da rodoviária. Chegando lá, descobri que estava fechado naquele horário. No caminho tinha visto uma senhora vendendo balinhas. Pensei que não custaria nada parar ali e conversar com ela. E foi a melhor decisão que tomei. Que história rica me apareceu. Os dois são sujeitos muito complexos, com várias camadas de vivências, de classe social, de região, religião. No dia em que os conheci, conversamos bastante, e no mesmo dia escrevi um esboço de texto com as informações que tinha frescas na memória. Peguei o contato deles e marquei de encontrá-los mais uma vez. A primeira conversa praticamente se repetiu, então me concentrei em confirmar informações, registrar as sensações e movimentações do ambiente.

Carlos Augusto Luchetti Junior: 45 anos, desempregado. Sofreu gerontofobia ao se candidatar para uma vaga de emprego. Não entrou na reportagem, porque o fato falava por si e a entrevista durou pouco mais de 15 minutos.

4.2.1.2 Fontes especialistas e institucionais

Douglas Roberto Martins: promotor de Justiça e coordenador do Centro de Apoio Operacional de Direitos Humanos e Terceiro Setor do Ministério Público de Santa Catarina.

Ricardo Mucci: 70 anos, jornalista, influenciador 50+ e articulador de políticas públicas para a pessoa idosa.

4.2.1.3 Fontes documentais

Foram consultadas as seguintes fontes: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estatuto do Idoso, a Constituição Federal de 1988, o relatório da ARC The Aging Readiness & Competitiveness Initiative, documentos do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

4.3 PRODUÇÃO

A terceira etapa perpassa o trabalho de decupagem das entrevistas. Meu processo de decupagem envolveu a transcrição das entrevistas e destaques das partes que mais me saltaram aos olhos, seja no momento da entrevista, quanto no momento da descrição. Também visei estabelecer um diálogo entre as fontes à medida que as entrevistei, comentando aspectos trazidos por uma que poderiam complementar a conversa que tenho com outra, quando é coerente com o momento. Isso é ainda mais importante no contato com as fontes “especialistas”, trazendo o problema das ruas, do mercado, para a academia e instituições.

A etapa seguinte foi o início da escrita. Idealmente, esta etapa aconteceria paralelamente à anterior, de maneira a não perder o momento perfeito para colocar as histórias no papel. Por exemplo, realizo uma entrevista e em seguida escrevo um esboço do texto. Este é um momento em que busco me conectar com o que foi dito pelas fontes e me guiar pelas perguntas que devem ser respondidas pela reportagem — bem como os questionamentos que podem reverberar na mente do leitor conforme a leitura avance. Consegui efetivamente fazer isso com poucas entrevistas, por conta da minha rotina de trabalho.

As etapas seguintes estão relacionadas à edição e à revisão do texto. Levei um tempo considerável até fechar a estrutura de texto conforme foi entregue. Fiz alguns testes de esqueleto, com o objetivo de ir costurando as histórias, trazer dados e informações concretas, mas sem que se tornasse repetitivo, visto que alguns tópicos eram comuns entre alguns relatos. E finalmente cheguei a estrutura de: a) texto de abre com um panorama de dados, contextualizando a temática da longevidade e mercado de trabalho no Brasil; b) a história de Roberto, que ilustra bastante as questões relacionadas à aposentadoria e as dificuldades de recolocação no mercado formal; c) a história de Volmir e Silvana, que dão sequência à discussão sobre o acesso ao emprego formal, e trazendo a questão da vulnerabilidade socioeconômica; d) a história de Diva, que mesmo após os 60 trabalha em emprego formal e que trabalha não por necessidade financeira; e) a história de Geni, que trabalha depois dos 60 anos, porque o valor da aposentadoria é insuficiente para encobrir seus gastos e de sua família; f) uma retranca de fechamento, mais técnica, com estudiosos da longevidade e dos direitos da pessoa idosa.

4.3.1 Formato e elementos narrativos

O projeto se apresenta em formato de grande reportagem em texto, para a qual se utilizou elementos do jornalismo literário na construção da narrativa. Trabalhei com quatro mini-perfis, ou retratos, de pessoas que estão passando pelo processo de envelhecimento frente ao mercado de trabalho. Além dos perfis também se fez necessária a presença de retransas de contextualização e explicação da problemática, apesar do foco ser a história e vivências de cada uma das fontes-sujeito. Foram utilizados recursos de descrição e ambientação, *flashbacks*, a partir do que foi relatado pelas fontes protagonistas.

Houve momentos em que me coloquei no texto, quase como uma narradora participante, seja em um “perguntei” na história de Geni, ou em um “me estendeu o celular”, na história de Diva. Me questionei muito se me colocaria e, caso sim, como o faria. Relutei bastante sobre essa ideia, pois tenho bastante facilidade em escrever em primeira pessoa, e não queria que a reportagem tivesse essa marca muito forte. Acredito que consegui um equilíbrio. Me senti mais segura e tranquila ao ler o que Fabiana Moraes diz sobre a subjetividade do repórter:

É preciso pensar em um jornalismo que se utilize, sem constrangimentos, da subjetividade, reconhecendo-a como um ganho fundamental na prática da

reportagem e mesmo na notícia cotidiana. Nele, são considerados, e não negados, os elementos que escapam da “rede técnica” dessa área de conhecimento. Assume-se que não é possível domar o mundo exterior — e o Outro — em sua totalidade (independente de estarmos lidando com um “fato”, “fenômeno” ou “acontecimento”), mas que devemos antes incorporá-lo, dentro de nossas limitações, às práticas jornalísticas. Assim, englobamos as fissuras e as subjetividades inerentes à vida, — o resultado é uma produção na qual o ser humano é percebido em sua integralidade e complexidade, com menos reduções. É, certamente, um caminho para minar clichês e lugares-comuns que tantas vezes só engessam nosso olhar sobre o mundo. (MORAES, 2005, p. 160)

4.4 ORÇAMENTO

Os custos da realização do trabalho de conclusão de curso envolveram o custo do uso dos meus equipamentos próprios e os deslocamentos para conversar com os entrevistados. O custo dos deslocamentos ficou em menos de 50,00 reais, já que os fiz a pé ou de ônibus. Para a produção da reportagem foram utilizados um notebook Lenovo Ideapad S145 e um smartphone Xiaomi Redmi Note 9 Pro. Utilizo aqui os custos de produção estabelecidos pela tabela de freelas do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina (SJSC) para mensurar o custo de produção da grande reportagem. O sindicato considera uma lauda igual a 1400 caracteres com espaços. Sendo assim, com mais de 45 mil caracteres, minha reportagem tem 32 laudas. Considerando a redação, a edição e a revisão, 32 laudas de reportagem, com mais de duas fontes consultadas, custariam em torno de 18.623,07 reais.

5 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

O processo de produção desse trabalho de conclusão de curso foi bastante exaustivo para mim. Encontrei barreiras internas e externas desde a disciplina de planejamento de TCC. Com a pandemia do novo coronavírus houve uma grande desestruturação do meu psicológico e emocional para conciliar trabalho, faculdade e tarefas domésticas — além de tentar manter uma vida saudável. Por muitas vezes fiquei doente durante o processo de produção do trabalho, o que com certeza me desestabilizou ainda mais. Solicitei menção I no semestre 2022.1, mas mesmo assim, não consegui trabalhar com folga de prazos. Nesse âmbito, acredito que essas dificuldades se devem mais a questões pessoais.

Nesse período de pandemia e isolamento, minha experiência com a faculdade mudou completamente. Foram quatro semestres realizando disciplinas remotas e muitas vezes tendo que abdicar de experiências de produção jornalística — considerando questões sanitárias e de

contexto socioeconômico. Senti que perdi muito o contato com o “colocar a mão na massa” da profissão. Seja em estágios ou no trabalho, onde de fato estava praticando a comunicação diariamente, minhas atividades se voltaram para assessoria de comunicação, endomarketing e marketing. E quando me deparei com uma produção com a extensão e aprofundamento que carece um trabalho de conclusão de curso, me sentia ainda sem as ferramentas necessárias — ou com mais dificuldade para iniciar e desenvolvê-lo sem prejuízos. Busquei então alternativas para conseguir desempacar. Montei um cronograma com o auxílio da professora Isabel, organizei meus documentos na plataforma Notion, quebrei as tarefas do TCC em mini-tarefas, e documentei frequentemente em um “diário-relatório” meus principais passos no trabalho — o que fiz; o que não fiz; se não fiz, o motivo; e assim por diante.

No início da pré-apuração e busca por fontes, me concentrei muito em buscas virtuais, de “cases” na internet, procurando por termos específicos em redes sociais, que pudessem, de alguma forma, me levar a essas histórias. Mas foi quando pisei na rua e de fato olhei ao meu redor, me despindo das vergonhas que ainda me acompanham ao abordar um sujeito aleatório, que as histórias falaram comigo. Quando conheci Volmir e Silvane cheguei a pensar “que coincidência, encontrar, por acaso, pessoas com um dos perfis exatos mapeados na pré-apuração”. Porém, de coincidência nada tinha, exemplos como esse encontramos em qualquer esquina desse país — e mais uma vez encarei a urgência dessa pauta. E é quando o repórter vai para a rua que a pauta surpreende. A rua é onde a vida acontece, sem os moldes das instituições, sem as falas muito bem planejadas das autoridades pelo *media training*, sem a frieza dos dados. É onde o nosso trabalho ganha sentido.

No caso de Roberto, hoje vejo que poderia ter explorado mais a entrevista, ter conversado com pessoas do círculo dele, como a própria Yeda. Acredito que isso teria me ajudado a construir um texto mais fluido e literário. Acredito que entrevista com Geni poderia ter sido mais longa, eu poderia ter perguntado mais, ter acompanhado ela em uma volta de ônibus para casa (apesar de saber que fiz o possível dentro do tempo que eu tinha).

Ainda me frustro pensando que só entrevistei oito pessoas. Enviei dezenas de e-mails para muitos pesquisadores envolvidos com a temática, de diversas áreas, como Serviço Social, Economia, Psicologia etc. Mas não tive retorno, ou ao menos não um retorno positivo. Uma escolha que fiz foi primeiro conversar com o que chamo de fontes-sujeito da reportagem, para depois buscar as fontes especialistas e provocar essa interlocução entre os

relatos. Entendo que isso poder ter me prejudicado em questão de prazos para conseguir essas entrevistas.

Senti bastante dificuldade em equalizar o texto, principalmente com entrevistas e ambientações tão diferentes. Como mencionei anteriormente, acredito que entrevistas complementares e outras formas de observação poderiam ter me ajudado a vencer esse desafio. Ainda assim acredito que ficou um texto com a minha cara, como gosto de escrever. E se eu tivesse tido a possibilidade de me dedicar exclusivamente para esse trabalho, o resultado seria muito melhor. Gostaria também de poder ter diagramado o texto, ou organizado em um site, contudo o prazo ficou curto. E fiz o possível dentro das minhas condições.

Apesar de todas as dificuldades, esse foi um dos trabalhos mais enriquecedores que já fiz. Precisei me desafiar em muitos momentos, me questionar sobre se o que eu estava fazendo era jornalismo ou não — carregando uma insegurança constante: o que meu trabalho terá de diferente dos outros que tratam da mesma temática? Foi uma experiência gratificante, polvilhada por inúmeras reflexões, e a tal da vigilância epistemológica. E sei que esse trabalho não acabou por aqui. Todas as conversas que tive, todas as realidades que pude ter contato, me mostraram que esse é um tema urgente e que precisa ser discutido amplamente na mídia, na política e na sociedade civil. Sinto que este TCC não representa o fechar-se das portas da graduação, mas sim um abrir-se de portas para um debate tão relevante, além dos muros da universidade.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. **Diálogos com o Estatuto do Idoso e Paulo Freire: a velhice para além do antigamente, uma possibilidade de Ser Mais.** REVISTA KAIROS GERONTOLOGIA, v. 1, p. 199-212, 2021. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/53938>>. Acesso em 20 de mar. de 2022.

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, “senhores da memória”?. *In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.* Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5281189434155472217413491799349447635.pdf>>. Acesso em 22 de mar. de 2022.

BARRUCHO, Luis. **Pandemia de coronavírus evidencia 'velhofobia' no Brasil, diz antropólogo**. BBC News Brasil. Londres, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>>. Acesso em 22 de mar. de 2022.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

_____. **A suave subversão da velhice**. Época. [S.l.] 2010. Disponível em: <<https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI136844-15228,00-A+SUAVE+SUBVE+RSAO+DA+VELHICE.html>>. Acesso em 22 de mar. de 2022.

CINAT, Cristiane. Envelhecimento do trabalhador e condições de vida na velhice. In: **VIII Seminário de Saúde do Trabalhador**. Franca: Unesp, 2012. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/sst/n8/07.pdf>>. Acesso em 21 de mar. de 2022.

TORRE, Bruna. **Dialética da desumanização**. Revista Sociologia e Antropologia, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sant/a/rTN4zNkW6BsH8h54ncHnN4t/?format=html&lang=pt#>>. Acesso em: 20 de mar. de 2022.

GENERATION. **Meeting The World's Midcareer Moment**. 2021. Disponível em: <<https://www.generation.org/wp-content/uploads/2021/07/Meeting-the-Worlds-Midcareer-Moment-July-2021.pdf>>. Acesso em 22 de mar. de 2022.

JANONE, Lucas. **Estudo aponta que idosos vão representar 40% da população brasileira em 2100**. CNN Brasil. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/estudo-aponta-que-idosos-va-representar-40-da-populacao-brasileira-em-2100/#:~:text=Um%20estudo%20do%20Instituto%20de,daqui%20a%20aproximadamente%2090%20anos>>. Acesso em 22 de mar. de 2022.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAHR, Kauane. Para Cema. **Epifanias Desvairadas**. Disponível em <<https://epifaniasdesvairadas.tumblr.com/post/176209713189/para-cema-ah-se-eu-pudesse-ter-guardado-te>>. Acesso em 07 de dez. de 2022.

MEIRELLES FERREIRA, M. (2022). **O Envelhecimento como processo: Aspectos relacionados à Gerontofobia**. *Conhecendo Online*, 7(1), 183–204. Disponível em: <<https://conhecendoonline.emnuvens.com.br/revista/article/view/119>> Acesso em 20 de março de 2022.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joyce: transexualidade, jornalismo e os limites entre o repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

SANTOS, Marli. Histórias de vida na grande reportagem: um encontro entre jornalismo e história oral. In: **Comunicação & Informação**, v. 12, n.2: p. 21-32 - jul./dez. 2009. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/271238410_Historias_de_vida_na_grande_reportagem_um_encontro_entre_jornalismo_e_historia_oral> Acesso em: 21 de mar. de 2022.

SANTOS, Nayane Formiga dos; SILVA, Maria do Rosário de Fátima e. **As políticas públicas voltadas ao idoso**: melhoria da qualidade de vida ou reprivatização da velhice. Revista FSA, Teresina, v. 10, n. 2, art. 20, pp. 358-371, Abr./Jun. 2013.

ANEXO A — Ficha do TCC

FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC		
ANO	2022	
ALUNO (A)	Kauane Scherer Lahr	
TÍTULO	Quando chega o outono: histórias sobre o trabalho em um país que vive cada vez mais	
ORIENTADORA	Isabel Colucci Coelho	
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/> Impresso	
	<input type="checkbox"/> Rádio	
	<input type="checkbox"/> TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/> Foto	
	<input type="checkbox"/> Website	
	<input type="checkbox"/> Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/> Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/> Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/> Reportagem livro-reportagem ()	(x) Florianópolis () Brasil () SC () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Idosos; Emprego e Renda; Gerontofobia; Direitos Humanos; Jornalismo.	
RESUMO	O presente trabalho de conclusão de curso é uma grande reportagem em texto que busca, por meio de histórias de pessoas com mais de 50 anos, nas mais diversas situações de ocupação, classe, raça e gênero, abordar questões-chave relacionadas ao envelhecimento e ao mercado de trabalho no Brasil. A pauta considera a acelerada transição demográfica do Brasil, descompassada com o desenvolvimento de políticas públicas e organização social adequadas para absorver as demandas de uma população que vive cada vez mais. A reportagem se divide em cinco retrancas, ou mini-perfis, que tratam do desemprego após os 45 anos; das diferenças entre o envelhecimento do trabalhador formal e informal; das políticas para inclusão de pessoas mais velhas no mercado; da saúde financeira das pessoas aposentadas e/ou acima dos 50 anos; e, também, da questão da aposentadoria e da previdência social em seus atuais moldes. A metodologia utilizada foi a entrevista em profundidade, ancorada na história oral. O objetivo com a realização do trabalho é trazer para discussão um tema que fica às margens da agenda política e da agenda midiática, e propor reflexões a respeito.	

ANEXO B — Declaração de Autoria e Originalidade**DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE**

Eu, Kauane Scherer Lahr, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 17201231, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**Quando chega o outono: histórias sobre o trabalho em um país que vive cada vez mais**” é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 07 de dezembro de 2022

Assinatura